

## Resenha

### **EU NOTÍCIA (CLIQUE AQUI!)**

CAVALCANTI, Mario (Org.). Eu, mídia: a era cidadã e o impacto da publicação pessoal no jornalismo. OPVS, 2008.

Elizomar Braga Filho<sup>1</sup>

“Eu, Mídia – A Era Cidadã e o impacto da publicação pessoal no Jornalismo”, obra organizada pelo jornalista Mário Lima Cavalcanti, reúne artigos de professores, jornalistas, mestres e doutores em Comunicação a respeito de um tema efervescente: o jornalismo colaborativo. O organizador é professor do curso de pós-graduação em Gestão em Marketing Digital, pesquisador de mídias digitais, fundador e diretor executivo do *site* Jornalistas da Web.

Antes de iniciar propriamente, permita-me uma espécie de *rewind* – uma volta no tempo – para contextualizar a escolha do livro em questão para esta resenha. Acredito ser esta informação relevante pelo fato de que o processo de escolha – sobretudo a forma da escolha da obra – culmina com os temas apresentados no livro “Eu, mídia”.

A trilha – ainda sem um porto seguro – de um tema novo, desafiador e – por que não dizer? – excitante, para a minha dissertação de mestrado, tem me feito sonhar – literalmente – com temas. Assim, me vejo, volta e meia, no google, digitando palavras, tentado encontrar supostos caminhos para assim me familiarizar e, por consequência, reunindo informações com o objetivo de definir um objeto de pesquisa. Destarte, a descoberta do título do livro se deu através de uma busca na Internet sobre o tema “corpomídia”, e mais especificamente posteriormente sobre “eumídia”. Tenho pensando no ser humano como uma fonte viva (e atuante) de transmissão de idéias, conceitos e informações. Verdadeiramente, uma mídia.

Entre a descoberta do livro e a compra via Internet, entre o prazo de sete dias úteis da entrega e a ansiedade em receber obra, foi criada uma expectativa tão expressiva somente superada com a certeza de que “sim”, o livro é mesmo elucidador, reunindo “idéias,

---

<sup>1</sup> Aluno Especial do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGC/UFPB)

pensamentos, estudos, pesquisas, conhecimento adquirido e compartilhado por gente interessada no entendimento e na investigação científica do ciberespaço”, como assim bem descreve a “orelha” da obra.

O livro traz seis artigos: “O impacto da hipermídia na democracia digital”, de Pollyana Ferrari, doutora em Ciências da Comunicação; “Os blogs e a multiplicação das vozes”, de Raphael Perret, jornalista e Mestre em Informática; “Olhares sobre o jornalismo colaborativo”, da jornalista Ana Maria Bambrilha; “Redes sociais, capital social e a difusão de informações”, de Raquel Recuero, doutora em Comunicação e Informação; “Comunidades geoespaciais e o jornalismo digital”, do jornalista José Antonio Meira da Rocha, e “Jornalismo participativo móvel”, do jornalista e Mestre em Comunicação. Paulo Henrique Ferreira.

Com a pretensão de registrar e enfatizar “**O impacto da hipermídia na democracia digital**”, Pollyana Ferrari lança mão do fato de que, definitivamente, saímos da sociedade da mídia para aportarmos na sociedade de informação. A autora aponta que “a sociedade atual move-se em torno das pessoas, das suas histórias, de seus costumes, suas experiências de vida, enfim da informação individualizada e da tão falada democracia digital”. Isso supõe que, naturalmente, o processo de comunicação está intimamente relacionado com este macro-mercado de seres humanos que precisam de informação e comunicação todos os dias, da mesma maneira que precisam do ar que respiram.

Ora, os livros estão ao alcance dos teclados, a informação está na ponta dos dedos - à distância de um clicar. “Saímos do mundo da sequencialidade para o mundo da associação, onde o ato de ler e clicar é a peça-chave para o sucesso ou fracasso de um produto na Internet, seja ela um romance ou uma manchete de jornal”, descreve Pollyana.

Nessa nova realidade, o hipertexto pode ser visto como uma ferramenta de negociação com o leitor. Constante. Dinâmica. A coisa está ficando tão intuitiva que o “clique aqui”, o “veja”, o “confira”, estão intrínsecos ao próprio corpo textual, às imagens. E mais: com o hipertexto, todo leitor também é um pouco de escritor! Ao navegar pelo sistema, o usuário (leitor e escritor) delinea um tipo de leitura singular. Seu. Próprio. Ativo.

É nesse contexto que “**Os blogs e a multiplicação das vozes**” ganham força no ciberespaço. Fala-se em blogosfera. Um grande espaço virtual. Uma grande comunidade em torno dos blogs. Que em paralelo à mídia tradicional, constitui uma verdadeira arena onde

batalhas por informação e conteúdo são travadas instantaneamente. “Assim – interroga Raphael Perret – num cenário em que os blogs ganham espaço dentro da rede e a imprensa procura se adequar a uma sociedade cada vez mais conectada, algumas questões interessantes se impõem: os blogs podem ser jornalísticos? Como os blogs podem afetar o jornalismo tradicional, de forma a aperfeiçoar a atividade em prol da sociedade?”

Percebe-se que a mídia tradicional (principalmente a impressa) tem sofrido dificuldades para sobreviver e um dos motivos, claro, é a concorrência com a Internet, que fez nascer um leitor diferente - partindo do brando e unilateral, para o atuante e bilateral. No livro, Raphael Perret cita o caso do jornal mais antigo do mundo, o sueco Post-och Inrikes Tidningar, fundado em 1645 e que em 2007 passou a ser publicado integralmente apenas na Internet. Cita ainda o New York Times: “o *publisher* do veículo, Artur Sulzberger, admitiu que não sabe se estará imprimindo o jornal até 2012”.

Verifica-se que é através desses “**Olhares sobre o jornalismo colaborativo**” que um novo mundo se origina. Não sobre o ponto de vista da mídia em si, mas sob uma ótica mais pessoal. Própria. Formada através do “eutuelenósvoseles”. E o que é a rede, nesse sentido, “senão uma infinidade de nós – não por acaso, nós (pronomes) somos os nós (substantivo) – que interligam realidades múltiplas, mundos, culturas e identidades traduzidos em informação?”, induz ao pensamento Ana Maria Bambrilla. Assim, escreve a pesquisadora em “Eu, Mídia”, existir pelo olhar do outro, considerar o outro para fins de si mesmo e viver em conjunto, formam os atributos do processo colaborativo que requer um conceito novo para Jornalismo Colaborativo. “Não é um, mas vários modelos de noticiário que conservam, como característica comum, o fato de serem produzidos por pessoas que não são jornalistas, mas com a ajuda de profissionais”, conceitua Bambrilla.

Todo esse processo que compreende um novo modo de conceber a participação ativa gerada a partir da Internet pode ser melhor compreendido no conceito de “**Redes sociais, capital social e difusão de informações na Internet**”, apresentado na obra por Raquel Recuero. “Quando trabalhamos com uma rede social na Internet, compreendemos a estrutura dos atores e suas conexões sociais como traduzidas pelas ferramentas da comunicação mediada pelo computador”, diz a autora. O capital social, nesse sentido, “pode ser embutido nos laços sociais, construído pelos agrupamentos, associado aos grupos e apropriado pelos indivíduos”. Isso determina a constituição de um conjunto de recursos de um determinado

grupo obtido através dos recursos individuais, baseados na reciprocidade, interação e identificação. Com isso, observa-se que a Internet proporcionou a difusão das informações de forma mais rápida e interativa, criando novos canais e, ao mesmo tempo, uma pluralidade de novas informações nos grupos sociais. E aqui ênfase: quem vive sozinho, não necessariamente vive só. Com a rede, estamos na frente de um computador ligado aos mais diferentes grupos, interagindo socialmente.

Frente aos novos canais de informação e as novas formas de interações sociais verifica-se uma associação interessante entre as “**Comunidades geoespeciais e o jornalismo digital**”. José Antonio Meira da Rocha vislumbra essa possibilidade de maneira positiva sobretudo no uso das mídias e das comunidades no trabalho do jornalista digital. O autor cita os geobrowsers *Google Earth* e *Nasa Word Wind* como ferramentas cada vez mais úteis para o enriquecimento do trabalho do jornalista. São recursos ao dispor dos profissionais: texto, fotos, vídeos, modelos 3D, mapas, etc. Isso tem uma explicação: como o ser humano se desenvolveu em um mundo tridimensional é mais fácil para nós entendermos e nos relacionarmos em um ambiente tridimensional.

No que diz respeito ao “**Jornalismo participativo móvel**”, Paulo Henrique Ferreira enfatiza que mal os grupos de comunicação começaram a entender os modelos de “mídia celular”, ele já se mostra como porta de entrada para uma questão que pode definitivamente mudar a dinâmica entre esses veículos e seus consumidores. O autor se refere à participação dos leitores na construção de conteúdos e comunidades em torno de um veículo ou canal de comunicação. Isso porque “milhões de pessoas tem, em seus celulares, pequenas centrais de captação e produção de texto, áudio e vídeo”. O autor apresenta como exemplo o projeto *Foto Repórter Estadão*, do jornal Estado de São Paulo, com conteúdo gerado a partir dos leitores, publicado no site da empresa e até mesmo na versão impressa do jornal.

Em amplitude, “Eu, Mídia” consegue acrescentar novos olhares sobre a associação entre jornalismo e tecnologia, em especial a Internet. A interatividade proporcionada pelos veículos *on-line* sugerem o nascimento de um novo tipo de receptor, agora transformado em emissor ativo. A obra enfatiza a importância desse novo momento ao passo que argumenta formas de cada vez mais enriquecer o jornalismo.

De uma ponta a outra, numa ligação criada pelo do jornalismo colaborativo (ou participativo), não se descarta o papel do jornalista nesse universo. É necessário o

envolvimento de especialistas em jornalismo e profissões correlatas para a criação, manutenção e gestão de veículos e canais de comunicação. Unindo-se aos colaboradores para, numa concepção ativa de comunicação, criar um mundo cada vez maior: o da informação de qualidade compartilhada através do clique.